VOL. 15 | Nº 2 | 2023 E-ISSN: 1982-8713 PUBLICADO EM 14 NOV 2025
NEARCO
Revista Eletrônica de Antiguidade e Medievo
Núcleo de estudos da Antiguidade
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

LEGADOS ETRUSCOS NA ITÁLIA CONTEMPORÂNEA: O PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL COMO FONTE PRIMÁRIA PARA OS ESTUDOS CLÁSSICOS E RELIGIOSOS

ETRUSCAN LEGACIES IN CONTEMPORARY ITALY: HISTORICAL AND CULTURAL HERITAGE AS A PRIMARY SOURCE FOR CLASSICAL AND RELIGIOUS STUDIES

Ivan Ducatti[47]
Elizete Martins dos Santos[48]

RESUMO

Os achados arqueológicos, como fonte primária das pesquisas históricas, possibilitam ampliar o desenvolvimento dos estudos históricos, principalmente quando o documento escrito não é suficiente, bem como corroborar pesquisas em outras áreas do conhecimento humano. Os monumentos históricos fazem parte do patrimônio cultural tangível e permitem ao pesquisador conhecer, parcialmente, as técnicas de uma determinada sociedade, suas expressões artísticas e aspectos das relações sociais. O povo etrusco – que habitou a região da Toscana e Úmbria, no centro-norte italiano – legou ao Mundo Ocidental, por intermédio da cultura greco-romana, trabalhos em bronze e cerâmica, bem como o culto aos mortos, com boa preservação de tumbas. Como sua escrita ainda é indecifrável, os restos arqueológicos mantêm-se extremamente fundamentais para a compreensão dessa cultura, ancestral importante da cultura itálica.

Palavras-Chave: Patrimônio histórico e cultural; Fontes primárias; Etruscos.

[47] Doutor e mestre em História Social pela Universidade de São Paulo (USP); Pós-doutor em História Contemporânea pela Universidade Nova de Lisboa (Portugal); Pós-doutor em Serviço Social pela UFRJ; Prof. Adjunto da Escola de Serviço Social da UFF. Vice-coordenador do Núcleo de Estudos em Trabalho, Sexo/Gênero e Raça/Etnia a partir do Materialismo Histórico-Dialético (NEGREM) (UNIRIO/UFF).
[48] Graduada em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP).

ABSTRACT

Archaeological findings, as a primary source of historical researches, may enlarge historical studies, mainly if written documents are not adequately reached, and they can also corroborate other researches in different fields of science. Historical monuments are part of the tangible cultural heritage and show, partially, techniques of a given society, as well as its artistic expressions and its social relation features. The Etruscan people – who inhabited the region of Tuscany and Umbria in north-central Italy – bequeathed Western World bronze and pottery work, through Greek-Roman culture, as well as the worshiping of the dead whose tomb preservation is still good nowadays. As its writings are still indecipherable, archaeological findings are rather central to grasp that culture is an important ancestor compound of the Italic civilization.

Keywords: Historical and cultural patrimony; Primary sources; Etruscan.

Nos cursos universitários de história, no Brasil, a disciplina História Antiga dificilmente contempla a cultura e história etrusca. Situada entre Grécia e Roma, a cultura etrusca tem um legado importante no que tange à arquitetura, por exemplo. Mas as dificuldades de ensino dessa história se justificam, parcialmente, pelo fato de que as pesquisas realizadas sobre tal povo estão majoritariamente em língua inglesa e italiana, porém com pouquíssimas traduções para o português. Mas o que a cultura etrusca pode nos fornecer em termos de legado histórico? Qual a importância da cultura etrusca para o ensino de história? O que podemos aprender com os legados etruscos, afinal? As repostas são várias, e serão respondidas, parcialmente, ao longo deste texto, no entanto, uma lição importante para o pesquisador em ciências sociais em geral é a compreensão do papel da memória social. Estudar os etruscos permite desenvolver tal reflexão sobre a memória coletiva da qual o historiador, em particular, não pode prescindir: os etruscos conviveram com gregos e romanos por, pelo menos, oito séculos, mas seus traços se reduzem significativamente, apesar de grandes contribuições nos campos da arquitetura, da língua, da religião (em especial pela conservação mortuária), da engenharia, etc. O silêncio histórico – não total, é óbvio – da cultura etrusca também é um importante sinal de que há algo que esvaece. Não há memória social, coletiva ou individual que sobreviva sem rastros materiais. Não há uma ausência de fontes etruscas, mas são bem menores que as gregas e as romanas, apesar da grandiosidade dessa

cultura. É essa memória social, ou falta dela, que pretendemos abordar. E os profissionais das ciências sociais, precisam instrumentalizar-se com essa categoria tão fundamental.

A memória social pode ser abordada de várias maneiras. O profissional que conduzir tal temática pode apresentá-la por intermédio de um estado da arte sobre o tema (trata-se, porém, de requisito básico para outros canais didáticos), da abordagem que pesquisas realizadas pela metodologia da história oral proporcional e da apresentação de questões epistemológicas da arqueologia e do patrimônio histórico cultural (material ou imaterial). A proposta de estudo aqui apresentada sobre a memória social parte de estudos sobre o patrimônio etrusco, portanto, legados arqueológicos de interpretação superestrutural mais complexa, em virtude, principalmente, da escassez de material disponível. Apesar dessa escassez, insistimos no legado de origem itálica, também elemento da formação sócio-histórica ocidental.

Afinal, o que é memória social? Para Le Goff (1991), em relação ao indivíduo, a memória é a capacidade de conservar determinadas informações sobre o passado por intermédio de funções psíquicas. Tanto no aspecto biológico como no psicológico, a memória é o resultado de sistemas dinâmicos de organização. E para que esse processo ocorra, a linguagem torna-se elemento fundamental: um dado linguístico existe sob a forma de armazenagem na memória. Ao considerarmos a linguagem, que é uma construção sócio-histórica, como um elemento determinante da construção da memória, faz-se mister compreender a memória por intermédio das ciências sociais. Nesse sentido, o foco de observação é a memória coletiva, que se tem constituído como importante questão na luta pelo poder de comando das forças sociais. Essa luta pela memória é uma constante preocupação de classes e grupos sociais, cujo movimento pode ser observado nas sociedades históricas.

A memória coletiva, ainda segundo Le Goff (1991), se expande a partir de palavras, imagens, gestos, rituais e festas: trata-se de uma empreitada dividida com o grande público, obcecado pelo temor da perda de memória – ou amnésia coletiva – empreitada esta que, dentro do modo de produção capitalista, se transforma em objeto de consumo.

Essa memória coletiva tem seus lugares, conforme Nora (1993). Entre os lugares, podemos citar os museus, as instituições, os sítios arqueológicos, enfim, o conjunto do patrimônio histórico e cultural. A preservação do patrimônio está intimamente ligada à preservação da memória. O patrimônio é uma fonte histórica primária, conforme Hartog (2006), pois trata-se de um monumento, de uma expressão iconográfica, que é uma linguagem, cujo tempo histórico imprime suas características estéticas, dando-lhe sentido e significado.

Mas, ainda no campo da memória, a preservação do patrimônio implica noções morais, de valor e perigo, pois a tentativa de valorizar o bem para evitar o perigo de sua destruição é algo desejável para que se consiga o prolongamento da vida social por intermédio do bem cultural. É o reforço contínuo da existência da memória. Para Halbwachs (2006), a memória coletiva, quando analisada e compreendida em suas múltiplas relações sociais, torna-se ferramenta imprescindível para a história.

Por ser a memória um depositário do ser social, do coletivo, dos passos que o gênero humano dá, formando seu legado para posteriores gerações, é compreensível que a destruição seja mais que um perigo, mais que uma ameaça à sobrevivência do ente material: sua destruição é ameaça para o próprio ser social que se objetiva em formas palpáveis, reais ou idealizadas, cujas formas se expressam nos inúmeros materiais conhecidos que a humanidade trabalha continuamente, no vasto campo da natureza.

Retomando a questão do patrimônio, este, a partir do ideário desencadeado pela Revolução Francesa, seu significado estendeu-se do privado, dos bens de uma pessoa ou grupo para o conjunto dos cidadãos (BREFE, 1998). Nasce, assim, a noção de patrimônio como bem coletivo associado ao sentimento nacional – necessário à formação do ideal de nação e nacionalismo do século XIX. Assim, a partir da década de 1830, o patrimônio histórico, sob a necessidade de proteção, passou a ser salvaguardado para a comunidade nacional, pois trata-se de uma herança artística e monumental, por intermédio da qual a comunidade de um determinado domínio político possa se reconhecer, nesse novo formato em gestação, que é o Estado-nação.

Atualmente, por intermédio da UNESCO[49], cria-se a noção de patrimônio da humanidade, que significa uma proposta de gestão de mecanismos capazes de colocar em relação as várias culturas nacionais. Trata-se da ideia de que há um patrimônio a ser preservado, que inclui não apenas a história e a arte de cada país, mas o conjunto de realizações humanas em suas diversas expressões.

A grande ameaça à existência ao patrimônio é a sua destruição – como já salientamos –, o que implica na sua perda, cujo resultado é a amnésia coletiva. Nesse sentido, esforços políticos em níveis nacionais e internacionais são realizados para a manutenção da conservação e restauração. No Brasil, o órgão que se encarrega dessa instância, em nível nacional, é o IPHAN[50]. Num primeiro momento, a preocupação em conservação de patrimônio estava diretamente ligada à manutenção de edificações. O acervo arquitetônico levou professores e autoridades da Europa, a partir do final do século XIX, a debates sobre conservação, restauração, proteção, intervenção, reconstrução e revitalização de imóveis. Conforme Pellegrini Filho (1999), nesses debates, podiam ser observadas duas correntes de opinião: uma que propunha colocar o monumento em sua unidade estilística de origem, e outra que optava pelo caminho de conservar todas as mudanças pelas quais o imóvel passou, pois, além de manter seu valor artístico, o imóvel passaria a ser também um testemunho histórico-social de mudanças.

O conteúdo programático de uma restauração de um meio ambiente artificial, que não se limita a um bem arquitetônico, inclui várias observações e estudos da paisagem natural, da paisagem histórica, da metodologia de conservação, de museologia, de aerofotogrametria, de legislação e de como proceder a utilização de edifícios antigos. Esse meio ambiente artificial também é composto de inscrições pré-históricas, de sítios arqueológicos e seus objetos, de peças de valor etnológico e de arquivos e coleções bibliográficas.

[49] *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization* – Organização Educacional, Científica e Cultural das Nações Unidas.
[50] Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional: "Órgão do Ministério da Cultura que tem a missão de preservar o patrimônio cultural brasileiro". Disponível em: www.iphan.gov.br. Acesso em: 12.12.2023.

A MEMÓRIA SOCIAL LEGADA PELOS ETRUSCOS

Até aqui, procuramos apresentar uma pequena conjugação entre memória e patrimônio histórico e cultural, sendo este último, o lugar por onde a memória de constrói e se apresenta como fonte primária para os estudos históricos. Nosso objetivo é apresentar um arsenal arqueológico etrusco, catalogado na região centro-norte da Itália[51], entre 1999 e 2016, contribuindo, desta forma, ainda que litadamente, aos estudos das fontes primárias da Antiguidade Clássica – numa concepção historiográfica que procura considerar os documentos não escritos para a análise histórica –, a partir de monumentos etruscos. É de uso comum expressar que a civilização ocidental atual origina-se a partir da cultura greco-romana. No entanto, vale destacar que os etruscos, como povo que habitou as regiões que hoje conhecemos como províncias do centro-norte italiano, foram vencidos militarmente pelos romanos, mas isso não significa que o legado etrusco tenha sido também vencido. Ao contrário, mesmo por intermédio dos romanos, a cultura etrusca sobreviveu de alguma forma, pois tal legado se reflete nas contribuições sobre algumas técnicas de construção, sobre temas culturais e sobre questões de ritos religiosos e mitos, ainda que a religião etrusca diferenciasse da greco-romana. Na cultura etrusca, de acordo com legados escritos por romanos, a vida após a morte seria considerada como existente, questão esta expressa em manifestações de cunho religioso. Por esse tipo de manifestação, o sacrifício de animais seria uma prática que faria com que seres humanos se transformassem em deuses (DE GRUMMOND, 2006). A religião etrusca é geralmente associada ao sepultamento, com muita ênfase em túmulos e tumbas. Realmente há um grande patrimônio remanescente dedicado ao sepultamento, relativamente bem conservado. Pelos legados etruscos, muito pouco do que se conhece da religião avança além da existência física desse patrimônio. O que há de escrito sobre a morte na religião etrusca deve a escritos romanos, portanto, são fontes passíveis de interpretação que exigem muita cautela. Os romanos selecionaram

[51] Foram visitadas pelos autores, ao longo da primeira década do ano 2000 mil e em 2016, 2019 e 2023, as atuais províncias: Toscana, Emilia-Romagna, Ascoli-Piceno e Úmbria, no entanto, destacam-se apenas os sítios cuja dimensão geográfica e estado de conservação apresentam maiores dimensões em termos de pesquisa *in loco*.

a questão da morte, e a instância do sacrifício é uma informação também registrada pelos romanos. Enfim, é uma informação romana, e não diretamente etrusca. São raros os textos originais dos etruscos. Isso significa que as interpretações das construções, das pinturas e demais obras etruscas carecem de maiores análises. Assim, a busca para interpretar o mundo etrusco depende em alto grau de seus contemporâneos, como gregos e romanos, geograficamente mais próximos.

Dessa forma, debruçar-se sobre os restos arqueológicos etruscos é também uma forma de lançar luz sobre um determinante da formação do mundo ocidental, a cultura da civilização etrusca. Além disso, não se pode olvidar do fato de a escrita etrusca ser ainda indecifrável até nos dias atuais, o que reforça, de forma fundamental, o uso das fontes arqueológicas.

O ETRUSCOS E SUAS CIDADES

Pode-se demonstrar que os etruscos fizeram progressos técnicos significativos e, em muitos casos, talvez os primeiros avanços no centro e norte do Mediterrâneo. Ao povo etrusco podemos atribuir tal desenvolvimentos como a treliça em grandes estruturas de madeira; a topografia e drenagem de engenharia; os túneis de água; o desenvolvimento do mastro para embarcações à vela rápidas para longa distância; várias técnicas de produção de metal e outras pirotecnologias (como o ofício da metalurgia). Na arte[52], muitos foram os desenvolvimentos técnicos e iconográficos, embora creditados sempre à Grécia ou ao Oriente Próximo, preservados em luxuosos túmulos e bens dos aristocratas etruscos. Estes incluem os primeiros retratos em perspectiva de uma figura humana. Foram especializados em técnicas de fundição de bronze e cerâmica de redução (o fenômeno *bucchero*[53]). Através do comércio, tratados e casamentos mistos, puderam conectar a sua cultura à Sardenha, Córsega e Sicília, com as tribos itálicas da península e com os reinos do Oriente Próximo, Grécia e o mundo

[52] Segundo Fischer (1983), os clássicos ao se limitarem a refletir as condições rudimentares de uma sociedade baseada na escravidão são seres do passado, mas, ao descobrirem a grandeza dos seres humanos, deram forma artística aos seus conflitos e às suas paixões e exprimiram potencialidades ilimitadas. Aí permanecerão sempre modernos, atuais.

[53] Um tipo de cerâmica produzida na Itália central por populações etruscas. As características dessa cerâmica são: polidez, cor preta predominante, de odor forte (https://en.wikipedia.org/wiki/Bucchero).

colonial grego, a Península Ibérica, a Gália e a rede púnica do Norte de África, e influenciou o culturas do norte da Europa. As descobertas arqueológicas e científicas mudaram a nossa imagem dos etruscos e nos forneceu informações novas e especializadas. Graças ao trabalho de dezenas de estudiosos internacionais, agora é possível discutir temas de interesse que nunca antes poderiam ser pesquisados, como mineração e metalurgia etrusca, produção têxtil, alimentos e agricultura (TURFA, 2013).

Os etruscos se configuraram como um aglomerado de povos que viveram na península Itálica na região a sul do rio Arno e a norte do rio Tibre, mais ou menos equivalente à atual província da Toscana, com partes no Lácio e a Úmbria. Desconhece-se ao certo quando os etruscos se instalaram aí, mas foi provavelmente entre os anos 1200 e 700 a.C. Heródoto acreditava que os etruscos eram originários da Ásia Menor, mas outros escritores posteriores consideram-nos italianos. Sua língua, que utilizava um alfabeto semelhante ao grego, era diferente de todas as outras e ainda não foi decifrada, e a religião era diferente tanto da grega como da romana (TURFA, 2013).

Uma das características da arqueologia dos etruscos diz respeito ao fato de não haver muita simetria em suas construções. Suas cidades não se formam dentro de um bom padrão matemático. Os etruscos são, por excelência, um povo urbano – isso não significa necessariamente que abandonem o cultivo da terra –, cujas comunidades se concentram majoritariamente em centros urbanos, com muitas ruas, prédios públicos, comércio e templos. Essas formas de organizações urbanas são dadas por intermédios de registros arqueológicos, em especial de 625 a 575 a.C, que são informações grafadas em cerâmicas produzidas pela indústria etrusca. A organização da cidade etrusca é a centralidade do fórum na formação do desenho urbano de uma cidade. Literalmente, o fórum ocupava a parte central da urbe, e a cidade se desenvolvia em torno dessa instituição. A drenagem prévia do terreno de onde seria erigida a cidade é um fator muito importante para a cultura etrusca. O fórum também era um local de sepultamento, e, para tanto, qualquer enchente deveria ser evitada. As técnicas de drenagem fizeram dos etruscos grandes engenheiros, com avançadas técnicas de canalização de água (OGILVIE, 1976).

UM POUCO DA ARQUEOLOGIA ETRUSCA

A seguir apresentaremos alguns sítios arqueológicos etruscos, por intermédio de descrições colhidas a partir de observações dos autores *in loco* e a partir de bibliografia sobre os mesmos. Os significados e análises do arsenal iconográfico foram extraídos das de uma bibliografia especializada sobre o povo etrusco e seu legado material.



Figura 1. Escultura etrusca em *terracota*. Disponível em: https://www.historiadasartes.com/nomundo/arte-na-antiguidade/arte-etrusca. Acesso em: 16.05.2024.

No início da Idade do Ferro, século IX a.C, surgem os villanovianos (SAITTA, 1982)[54], assim chamados por causa de uma localidade situada a oito quilômetros de Bolonha (cidade ao norte da Itália), onde foi descoberto o primeiro estabelecimento desse gênero. Viviam em Etruria (província de Toscana), Emilia, Romagna (província de Emilia-Romagna) e Piceno (província de Ascoli-Piceno). Praticavam o rito fúnebre da cremação e depositavam as cinzas dos defuntos nas urnas características chamadas de bicônias (urnas com duas alças).

A cidade de Populônia (Livorno, Toscana) era uma das grandes cidades etruscas e a única situada à beira-mar. Foi considerada a mais potente militarmente, devido ao fato de estar situada entre as colinas metalíferas. Desde a época villanoviana (século VIII a.C), os etruscos ali extraíam e comerciavam o cobre. Encontram-se relativamente bem conservadas as muralhas e o contorno de bloco, esculpidos de forma arcaica, sem contornos precisos, circundando a cidade alta. Próximas ao mar, encontram-se as necrópoles mais antigas. Existem ainda tumbas villanovianas na forma de poço ou de

[54] A cultura de Villanova é uma civilização da Idade do Ferro, no norte da Itália, na região que foi a sede da cultura etrusca. O nome procede do assentamento Villanova di Castenaso (comuna nas proximidades da cidade de Bolonha – Itália).

fossa, que estão sujeitas à erosão marinha, e grande parte tem sido 'tragada' pelas ondas. Existem túmulos bem conservados e até hoje intactos.



Figura 2. Populonia (gruta). Disponível em: https://www.loquis.com/pt/loquis/1219071/Parque+Arqueol+gico+de+Baratti+e+Populonia. Acesso em: 16.05.2024.

Em Volterra (Pisa, Toscana), ainda há restos das necrópoles villanovianas, que nos séculos IX e VIII a.C circundavam as antigas moradias, com tumbas em formato de poços, conhecidas como *a dolio* (tipo de vaso) e fossas. Possui um círculo murado com blocos retangulares, construídos de calcário de areio dos rios, rico em fósseis. Tal muro abrange uma área de 116 hectares, sendo possível admirar as numerosas partes que restam dessa muralha. As mais importantes são *Porta de Diana* e a *do Arco*.



Figura 3. Sarcófago etrusco. Disponível em: https://artrianon.com/2020/11/03/obra-de-arte-da-semana-o-sarcofago-dos-esposos-uma-obra-etrusca/. Acesso em: 16.04.2024.

Em Quinto Fiorentino, junto à antiga estrada romana que conduz ao norte do país hoje chamada de *Via Cassia*, existem três tumbas em estilo oriental (influências dos egípcios e outros povos da Ásia), com dimensões gigantescas, descobertas no século XIX. Das três, a mais bem conservada é *La Montagnola*, que possui setenta metros de diâmetro. Possui ainda um imenso corredor feito em blocos de *albarese* (calcário extraído do mar, cozido com cálcio e cimento, formando um tipo de mármore). Em uma das pilastras centrais dessa tumba existem ainda camadas de argila com rascunhos de escritos etruscos, cujo significado é até o momento desconhecido.

Fiesole (distrito de Florença, Toscana) é o distrito mais importante dos centros etruscos, e está situado próximo ao rio Arno, principal rio da Toscana. Localiza-se numa colina de onde é possível observar os vales do Arno. Fiesole tinha um muro de aproximadamente 2.200 metros e uma forte estrutura feita de blocos de *macigno* (pedra arenosa, dura e compacta, de cor acinzentada), ainda hoje visível nos restos desse muro. Junto a esse muro, surgiu um templo etrusco, provavelmente no século III a.C. Tal tumba era decorada com *terracota* (tipo de argila cozida), conservada até os dias de hoje. Na periferia de Fiesole, recentemente foi descoberta uma acrópole etrusca, que possui uma só câmara quadrangular, construída com blocos grossos de pedra, sem acabamento externo.

No centro de Florença, no final do século XIX, foi descoberta uma necrópole villanoviana (IX-VIII a.C), de grandes dimensões. Boa parte dessa necrópole foi demolida para atender a interesses imobiliários. A partir do século VIII, na Idade Média, toda a planície que circunda Fiesole e Monte Morelo (Florença) foi destruída, onde havia numerosos centros etruscos, com tumbas, fossas e *tholos* (edifícios sepulcrais ou sacros em estilo circular com cobertura). Essas tumbas tinham *cippi* (lápide, em pedra ou mármore, com um resto de um busto e uma inscrição em etrusco).

Vale destacar, ainda, que em Florença, há uma sede do Museu Arqueológico (Palácio da Crocetta), com exposição de objetos, arte da civilização etrusca, tais como

Chimera, Minerva de Arezzo e Arringatore, o vaso François e o sarcófago de Larthia Seianti.

Em Castellina in Chianti (Toscana), existe um pequeno centro etrusco, onde foi descoberta uma muralha quadrangular de dimensões muito pequenas para os padrões etruscos (mais ou menos 46 por 80 metros). Dentro da muralha, existe um poço de um metro de diâmetro, revestido de arenária[55] e que continua em funcionamento. Um pouco adiante desse centro etrusco, existe um grande túmulo com quatro tumbas colocadas em pontos cardeais, realizadas em torno do século VII a.C.



Figura 4. Escultura etrusca (Castellina in Chianti). Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Escultura_etrusca#/media/Ficheiro:Etruscan_-_Priest_-_Walters_541088.jpg. Acesso em: 16.05.2024.

A sessenta quilômetros de Florença, ao sul desta cidade, encontra-se Siena, também foram encontrados restos de uma antiga habitação villanoviana e numerosas necrópoles dos séculos III e I a.C. Em Siena, encontra-se um museu arqueológico, onde é possível visitar importantes coleções de moedas, bronzes e *terracota* do período etrusco. Há ainda catorze urnas de estilo volterrano e uma ânfora com inscrições. Próximos à cidade de Siena, os povoados de Val d'Elsa e San Gimignano abrigam numerosas necrópoles com tumbas em estilo câmara.

[55] Segundo o dicionário eletrônico Aulete (https://www.aulete.com.br/aren%C3%A1ria, acesso em: 16.05.2024), é o "gênero de plantas cariofiláceas. A espécie *Arenaria rubra*, usa-se no tratamento das cólicas renais. F. lat. *Arenarius*".

Segundo o etruscologista Raymond Bloch (1966), Arezzo era uma das doze capitais[56] que pertenciam à Liga Etrusca (por onde se estabelecia o comércio, militarmente era considerada pacífica). Onde hoje se encontra o Duomo de Arezzo, havia a cidade etrusca, que era circundada por um muro feito de blocos de pedras, sem aplicação de argamassas, dos quais ainda se veem seus restos. Nessa cidade, em 1553, durante a construção da Muralha Medicee, da família dos Médici, a famosa Quimera (obra-prima em bronze do século IV a.C), a qual representa o vigor e a grande expressividade do famoso monstro com corpo e cabeça de leão, uma cabeça de cabra no meio das costas, com rabo de cobra. Na pata direita do 'animal' encontra-se grafada a expressão etrusca "T I N S C V I L", que significa "Homenagem a Tin". Em 1554, foi encontrada a grande estátua de Minerva (IV a.C), próxima à atual Igreja de São Lourenço, onde, segundo os arqueólogos, conforme estudos de Moscati (1984), antigamente era um templo etrusco, com três celas. Foram encontrados, também, vários objetos de bronze, entre eles, um espelho com desenhos representando o nascimento de Vênus e o Arador (IV a.C).

A cidade toscana de Cortona, segundo Tito Livio, era um local muito importante, pois existiam três importantes cidades etruscas: Cortona, Arezzo e Perugia. A cidade atual ocupa o mesmo lugar da antiga e é possível ver ainda hoje a muralha em fileiras irregulares, feitas em grandes blocos de *mancigno*, onde atualmente é construída a fortaleza Medicea. Há ainda restos de uma porta com duplos arcos, com figuras de pés de animais, que foram construídos por volta de III a.C. Próximo da cidade há cinco importantes tumbas de nome Meloni Del Sodo, Melone De Camucia, Tanella Angori e Tanella Pitagora. A mais antiga é datada de VII a.C e mede cerca de sessenta metros de diâmetro e catorze metros de altura (Melone de Camucia). Foram descobertas no século XIX, e aí também foram encontrados vários objetos dos séculos VII e VI a.C: uma lápide em *tufo* (tipo de rocha vulcânica de fácil labor) esculpida em baixo relevo, uma cama fúnebre e oito estátuas de figura de mulheres aparentemente chorando. Tanella

[56] A Etrúria era composta por cerca de uma dúzia de cidades-estados (Volterra, Fiesole, Arezzo, Cortona, Perugia, Chiusi, Todi, Orvieto, Veio, Tarquinia, Fescênia, etc.), cidades muito civilizadas que tiveram grande influência sobre os Romanos. A Fescênia, próxima a Roma, ficou conhecida como um local de devassidão. Versos populares licenciosos, na época muito cultivados entre os romanos, ficaram conhecidos como versos fesceninos (obscenos).

Pitagora foi datada em torno de II a.C: foi construída no estilo de um tambor circular e possui um pequeno corredor; foi realizada com blocos monolíticos, apoiados uns sobre os outros, em forma semicircular. Tanella Angori é um pouco maior, mas seu estado de conservação está muito precário. Em 1840, foi encontrado um lampadário etrusco, inteiramente em bronze, pesando aproximadamente 57 kg (MOSCATI, 1984).

Em Sovana (Toscana), ainda hoje é possível ver restos da grande muralha de forma quadrada, restos de um edifício (provavelmente um templo) ornado com *terracota*. Acerca de um quilômetro de Sovana, há uma grande necrópole rupestre, contendo vários tipos de tumba. As mais importantes eram chamadas de templos, pois possuíam uma entrada esculpida em *tufo* (MOSCATI, 1984)[57], imitando um edifício religioso. As tumbas em forma de templos e de edícolas eram sepulturas que somente as famílias mais ricas financeiramente podiam obter. A tumbo no estilo edícola mais famosa era chamada de *It Tifone* (O Tufão) e data de II a.C. Em sua entrada encontra-se uma porta que se assemelha a um tímpano, sendo que nela fora esculpida uma figura de cabeça humana.

A maioria das tumbas de Sovana foi escavada totalmente na rocha e não possui nenhuma parte construída. Existem muitas inscrições, mas boa parte delas foram corroídas pelo tempo.

Existem duas importantes estradas de leitos em Sovana, que foram construídas inteiramente em *tufo*, na realidade sendo este esculpido. Sobre suas paredes se abrem no alto das montanhas numerosas tumbas. Entre as mais visitadas, encontra-se *Il Cavone* (A Grande Cava), descoberta em 1912, que é na realidade uma grande necrópole com um altar com celas subterrâneas, que serviam como um sacrário do templo com numerosas oferendas em *terracota*, estátuas e figuras de animais em bronze.

[57] Vale lembrar que os *tufos* são rochas vulcânicas, porém de altura e dimensões enormes, constituindo na realidade pequenas montanhas. Para se ter ideia de seu tamanho, os etruscos abriam caminhos por essas 'montanhas', bem como cidades, túmulos, templos, etc. Os etruscos eram grandes escultores em rocha (MOSCATI, 1984).



Figura 5. Sítio em Sovana. Disponível em: https://www.flickr.com/photos/brasilnaitalia/7060979029. Acesso em: 16.05.2024.

Pitigliano (Toscana) é um exemplo de uma cidade etrusca cujo legado arquitetônico resume-se num pequeno pedaço de muralha, construída em blocos, porém em bom acabamento. Restam também algumas necrópoles, com tumbas em forma de caixão de câmara. A oito quilômetros desse lugar, encontra-se Poggio Buco, onde existia um importante centro comercial de Pitigliano, também com imensas necrópoles. O local fora construído sobre um altiplano de *tufo*, oferecendo assim, com seus grandes desfiladeiros, uma ótima defesa natural, de onde se pode ver restos de antiga muralha, em forma quadrada.

Os restos de cerâmica encontrados nessa região demonstram que havia habitantes desde a era villanoviana, atingindo seu maior esplendor entre os séculos VII e VI a.C. Próximo das necrópoles foram encontrados traços de um templo e de três edifícios. Foram descobertos, também, restos de um templo decorados com louças em *terracota*, argilas, figuras em desfile de carros, cavalheiros e animais. No possível templo havia um oratório de oferendas no estilo helenístico em *terracota*.

Outro sítio arqueológico importante é Cerveteri (Caere, em etrusco) (Lácio). Cerca de aproximadamente quarenta quilômetros ao norte de Roma, encontra-se uma das mais importantes cidades da Etrúria Meridional, próxima à costa do Mar Mediterrâneo, atingindo seu esplendor nos séculos VII e VI a.C. Em 540 a.C, junto com os cartagineses, os cerveterianos derrotaram os gregos de Focea na batalha naval de Alalia (Córsega, França). Apesar disso, souberam manter contatos comerciais com a

Grécia, bem como suas colônias da Ásia Menor. Foi a única cidade etrusca a possuir, em Delfos, um local para colher as oferendas dedicadas a Apolo. Nos séculos IV e III a.C, membros da elite romana enviavam para Cerveteri, seus filhos para lá se educaram, pois a educação daquela cidade era considerada prestigiosa.

Cerveteri surgia sobre um planalto de *tufos* de erosão. Ficava a seis quilômetros distante do mar, e sua posição lhe garantia segurança, sendo circundada por uma muralha, cuja maior parte se encontra ainda conservada. Possuía uma área de 150 hectares e nesse lugar foram encontradas numerosas cisternas, além de resíduo de oito templos e decorações feitas em *terracota*, bem como objetos do oratório dos templos. Em torno da cidade se estendiam as necrópoles que eram repletas de tumbas de cremações individuais, em pequenos poços, vasos ou enterradas em fossas. Em um túmulo da necrópole de nome Sorbo, foi encontrada ainda intacta uma tumba com objetos considerados esplêndidos pelos arqueólogos, expostos junto ao Museu Gregoriano Etrusco, Vaticano (Roma).

Várias tumbas foram encontradas na região. O aspecto mais importante das tumbas de Cerveteri são as suas decorações internas, esculpidas na rocha com formas arquitetônicas, imitando uma casa com portas, janelas, tetos, cadeiras, camas e vários móveis. Além disso, essas tumbas, antigas e simples, em ambiente único e retangular, possuíam tetos de dupla calha. Esse aspecto decorativo permite que se conheça um pouco mais sobre a habitação dos etruscos.

O artesanato de Cerveteri era de fabricação de *bucchero* (tipo de terra perfumada de cor vermelha ou preta) (PUGLIESE, 1972), que já no início do século VII a.C era fabricado com elegância e sutileza, com sua superfície desenhada com motivos geométricos.

Ainda na província de Lazio, encontra-se Tarquínia, cuja fundação é atribuída a Tarconte, que fora um rei etrusco, também fundador das cidades de Pisa, Mântua (Mantova) e Cortona. Tarconte fora filho de Tirreno, que teria guiado o êxodo dos povos da Lídia (cultura helenizada da Ásia Menor) para Etrúria, dando assim origem aos etruscos, segundo a lenda narrada por Heródoto (Livro I – Clio). Já no final do século VII a.C, Tarquínia dirigia sua atenção à conquista do Lácio. A dinastia dos Tarquini reinou

sobre Roma até o advento da República Romana. Tarquínia se encontra a um pouco mais de cinquenta quilômetros ao norte de Cerveteri.

É possível observar os restos da muralha de Tarquínia em blocos calcários, com refinados acabamentos da cidade, com portas, restos de edifícios e uma grande fundação retangular (medindo 77m por 35m), chamada Ara da Rainha, feita também em blocos calcários, que deveria sustentar o pódio de um ou mais edifícios sagrados. Possuía uma imensa escada, onde fora encontrado, em 1938, duas estátuas de cavalos alados, que hoje estão expostas no Museu de Tarquínia.

Tarquínia possui uma necrópole que é circundada por tumbas, consideradas as mais antigas do período villanoviano.

A cremação era exclusividade das famílias mais importantes de Tarquínia. Mais tarde, gradualmente, foi utilizado o sistema de inumação, isto é, o ato de enterrar ou sepultar os mortos, já a partir da segunda metade do século VIII a.C.

No século VII a.C, o estilo oriental surge em Tarquínia, tendo sua expressão na famosa tumba de nome Bocchoris (que fora um faraó egípcio, 720-715 a.C). Na câmara da tumba, o teto fora construído em forma ogival e lá foram encontradas várias mobílias e ornamentos considerados refinados.

O estilo oriental[58] da tumba de Bocchoris demonstra que a influência de outros povos permeou a cultura etrusca, o que demonstra um contato amplo pelo Mediterrâneo. Elementos gregos, cartagineses e egípcios estão presentes nas construções etruscas, o que nos permite crer que sejam evidências de relações que vão além daquelas estabelecidas somente dentro da Itália. Os etruscos conseguem incorporar todas as contribuições estrangeiras, em particular aquelas da arte grega.

Os etruscos usavam a pigmentação vermelha para representar a pele masculina e a branca para representar a feminina. Os animais podiam ser pintados de azul, verde, vermelho e amarelo.

[58] Designamos “oriental” aqui como sinônimo de influência cultural advinda do continente asiático, provavelmente da área do Levante. Como bem observa Edward Said, em sua obra ‘Orientalismo’, o termo ‘oriental’ costuma ser designado como os “outros”, em oposição ao eurocentrismo, “nós”. A ideia central é mostrar o contrário da proposição eurocentrista: isto é, apresentar a cultura etrusca, europeia, como síntese de várias outras culturas, geograficamente espalhadas por mais de um continente, rompendo com a lógica dominante da divisão ocidente (superior) / oriente (inferior), tão ao gosto do imperialismo hodierno.

A decoração arquitetônica não é esculpida em *tufo*, como em Cerveteri. As pilastras e portas são pintadas com cores vivas e com motivos variados. Muitas vezes, as pinturas eram realizadas depois que uma tumba já se encontrava escavada, e nas paredes representavam-se cenas da vida cotidiana, tais como danças, banquetes, pesca, etc.

Com a decadência do poder etrusco, a partir do século V a.C, percebe-se uma influência do mundo grego na produção pictória. É o caso da adoção, no século IV a.C, da influência daquela cultura sobre a representação da vida no plano pós-morte que os etruscos consideravam. No lugar de decoração alegre com motivos da vida cotidiana, percebe-se, pela influência helênica, um mundo dos mortos agora num local triste, escuro e lúgubre, povoado por demônios monstruosos.

No porto de Tarquínia, foram encontrados os restos de um mercado, com objetos sacros gregos, bem como restos de cabanas e um pequeno lugar sagrado a céu aberto. Nesse mercado também podem ser observados numerosas cerâmicas gregas, marfins e estátuas.

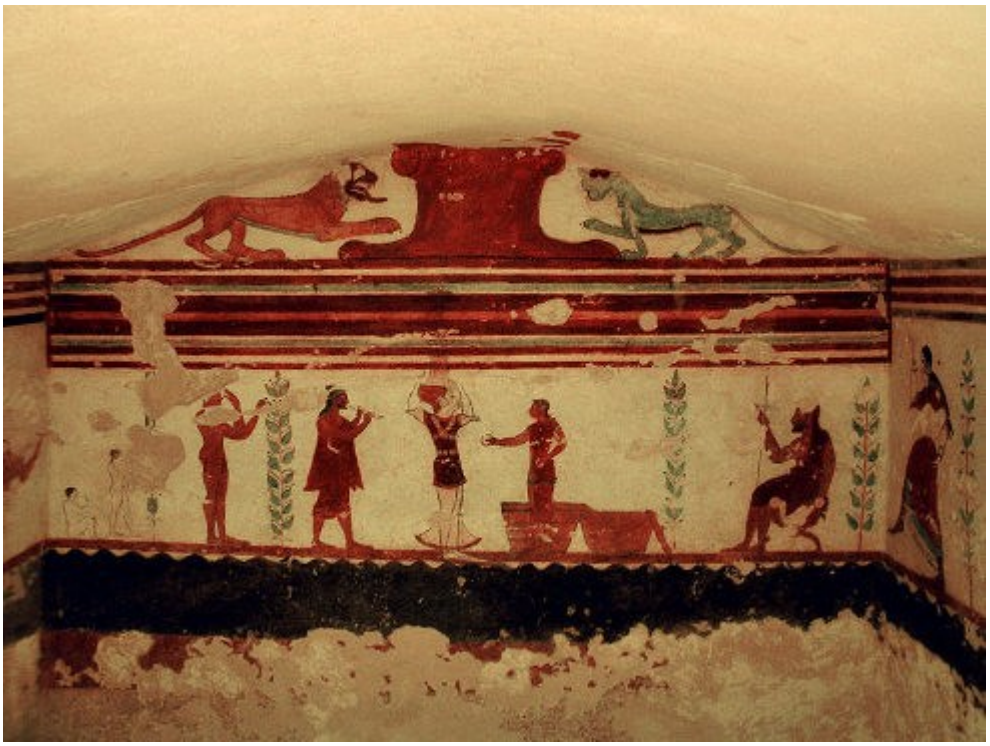


Figura 6. Tumba Tarquínia. Disponível em: https://www.alamy.com/tomb-of-jugglers-etruscan-necropolis-of-tarquinia-italy-image375293532.html. Acesso em: 16.05.2024.

Tuscânia é outra cidade etrusca do Lácio, que pertencia aos domínios de Tarquínia. O auge dessa cidade ocorre entre os séculos VII e III a.C, longo período em que surgiu uma escola de escultura em pedra, bronze e *terracota*. Em meados do século II a.C, Tuscânia torna-se referência na fabricação de sarcófagos em *terracota*, com figuras desenhadas sobre as tampas dos sarcófagos, representando o defunto que lá jazia. Há tumbas de estilo helenístico; entre elas, destaca-se a Gruta da Rainha, um imenso labirinto de galerias, que contém trinta e três sarcófagos perfilados ao lado de mais outros trinta e quatro sarcófagos. O material removível dessa Gruta encontra-se exposto no Museu Cívico de Tuscânia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Temos tratado de algumas ruínas etruscas, ao descrever um pouco as mesmas, que se encontram expostas em regiões do centro e do norte da Itália, que são passíveis de visitação ao público em geral. Não há uma fronteira muito nítida entre o patrimônio histórico tangível resultante de descobertas arqueológicas, exposto a céu aberto para os visitantes e os museus históricos tradicionais, temáticos, com acervos e coleções. Assim, a função desse patrimônio arqueológico pode seguir a mesma lógica da dos museus históricos. Estes, para além da função de exposição de bens e temas relativos à história em si, têm também o objetivo pedagógico, servindo de recurso para a formação dos estudantes, profissionais de ensino e pesquisadores. Os museus são portadores de patrimônios culturais, materiais e imateriais, os quais são grandes fontes para as pesquisas nas ciências sociais, não se limitando à antropologia, uma vez que a historiografia, já ao longo do século XX, rompeu com os limites das fontes documentais puramente escritas, herança positivista já duramente criticada pela Escola dos *Annales* (BURKE, 1997), em 1929. Nesse sentido, cabe ao historiador, enquanto pesquisador e docente, lançar mão cada vez mais desse importante recurso laboratorial, superando a esquemática concepção do senso comum de que concebe os museus como meros armazéns de antiguidades.

Aquilo que se pretende preservar como patrimônio cultural não são apenas objetos, mas seus sentidos e significados. A preservação não constitui em si patrimônio.

É necessário que o patrimônio a ser conservado, como prática social, tenha um remetente e um destinatário e estes reconheçam e agreguem valores para que o patrimônio possa ser partilhado. O remetente é aquele que dá sentido ao patrimônio, aquele que o considera como uma fonte histórica, uma fonte de memória ou simplesmente um elemento arqueológico. O destinatário é o educando, o pesquisador, o ser humano que busca conhecimento, o futuro portador de um legado sociocultural. Nossos levantamentos sobre o mundo etrusco fazem parte de uma pequena contribuição desse legado para a formação do mundo ocidental. Assim, esse patrimônio visitado, catalogado e discutido por vários arqueólogos e historiadores é mais uma fonte histórica que procuramos trazer à baila como referencial para os estudos da Antiguidade Clássica. Como remetente dessa fonte, é esse o sentido que damos para os sítios etruscos: fontes de memória para auxiliar, ainda que minimamente, o passado que – ao que parece – pode ser descortinado todos os dias, uma vez que a reprodução total do vivido é algo praticamente impossível, ainda que idealmente, como historiadores, assim desejássemos. Aos destinatários dessas fontes, para que se alcance o sentido das mesmas, não basta apenas descrever as imagens e suas representações enquanto recursos arqueológicos, mas procurar analisar e entender as relações sociais que estão contidas nessas expressões iconográficas e nessas ruínas arquitetônicas, enfim, nessas expressões artísticas e culturais, que são o resultado do trabalho humano, socialmente dividido pelas sociedades de classe.

Por fim, mas não menos importante, gostaríamos de salientar que, como uma fotografia, as descrições dos sítios arqueológicos refletem um momento muito singular daquilo que está sendo visto pelo observador. Isso significa afirmar que os remanescentes que buscamos descrever são apenas uma pequeníssima parte do real. Os “restos” arqueológicos apontam para uma dimensão incompleta do objeto: a organização simbólica da vida etrusca que se expressa materialmente por intermédio de sua arquitetura e arte, em um determinado sítio arqueológico, será sempre um pequeno momento (incompleto) da história que se busca analisar. Mesmo diante de elementos que se encontram muito conservados, o momento registrado também seria apenas uma parcela ínfima da vida social de uma sociedade cujo legado ainda encontra-

se em pesquisa, em especial na Itália. A tentativa de compor com pequenas peças uma parte da história da humanidade é nosso esforço. Nesse sentido, podemos afirmar que a assertiva de que a história está sempre em construção é correta. Além disso, os trabalhos teóricos acerca da civilização etrusca são fundamentais para continuarmos nessa empreitada de destacar, descrever e analisar os sítios arqueológicos tão conhecidos (mesmo que superficialmente) pelo universo turístico, mas ainda muito misterioso para o universo dos/as historiadores/as. Assim, mesmo que a história seja continuamente construída, do ponto de vista científico e filosófico, os trabalhos pioneiros não se relegam às belas e oponentes bibliotecas. Esse pioneirismo, como dialeticamente se espera, deve ser incorporado e, no que lhe for tangível epistemologicamente, superado, num exercício contínuo de aprendizagem.

Vale ainda salientar, como nos ensina Funari (1999), que, mais recentemente, na sequência desta preocupação com a análise dos processos sociais e culturais passados, os/as arqueólogos/as históricos/as concentraram-se na expansão europeia e no seu colonialismo, nos mecanismos de dominação e resistência envolvidos, bem como nas formas econômicas e políticas que foram geradas. Em suma, os etruscos tiveram uma determinada expansão em solo italiano, mas foram subjugados pela expansão política e imperialista romana. Assim, tal passado ainda tem muito a nos ensinar sobre as formas imperialistas e de colonização hodiernas.

Daí, parece-nos que é possível romper com o senso comum da afirmação de que a civilização etrusca se encontra distante da formação sócio-histórica contemporânea, apesar de sua escrita ser uma grande incógnita para o mundo Ocidental. Num futuro, ao superar a atual dificuldade de decifrar seus códigos, é possível que muita coisa inédita dos elementos constitutivos da formação ocidental se despontem, bem novas chaves heurísticas para compreensão do ser social que somos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLOCH, Raymond. *Os etruscos*. Lisboa: Verbo, 1966.

BREFE, Ana Cláudia Fonseca. *Os primórdios do museu*: da elaboração conceitual à instituição pública. Revista Projeto História. São Paulo: Ed. Puc, n.º 17, 1998, p. 281-315.

BURKE, Peter. *A Escola dos Annales (1929-1989)*: a revolução francesa da historiografia. São Paulo: Ed. Unesp, 1997.

DE GRUMMOND, Nancy Thomson & SIMON, Erika (org.). *The religion of the Etruscans*. Austin (EUA): University of Texas Press, 2006.

FISCHER, Ernst. *A necessidade da arte*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

FUNARI, Pedro P., HALL, Martin, JONES, Siân (orgs.). *Historical archaeology*: back from the edge. Nova York (EUA): Routledge, 1999.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

HARTOG, François. Tempo e patrimônio. *Varia História*. Belo Horizonte: UFMG, n.º 36, vol. 22, p. 261-273, 2006.

LE GOFF, Jacques. *El orden de la memoria*: el tiempo como imaginario. Barcelona: Paidós, 1991.

MASO, C. et VENDITTI, A. *La cittá degli etruschi*. Florença (IT): Bonechi, 1984.

MOSCATI, S. *Archeologia delle regioni d'Italia*. Milão (IT): Rizzoli, 1984.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. R*evista Projeto História*. São Paulo: Ed. Puc, n.º 10, 1993, p. 7-28.

OGILVIE, R M. *Early Rome and the Etruscans*. Glasgow (GB): Fontana, 1976.

PELLEGRINI FILHO, Américo. *Ecologia, cultura e turismo*. 3a. ed. Campinas: Papirus, 1999.

PUGLIESE, O. *Regioni e beni archiologici*: a cura della regione toscana. Florença (IT): Cura Editoriale, 1972.

SAITTA, A. *Civiltá del passato*: il mondo romano. Turim (IT): Marietti, 1982.

TURFA, J M. *The Etruscan world*. Nova York: Routledge, 2013.